

Recebido em 06/01/2022 e aprovado em 27/04/2022

18 DE JUNHO: A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA NOS ANIVERSÁRIOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA (1958-1988)

Luana Martina Magalhães Ueno¹

Resumo: As festividades em torno dos aniversários da imigração japonesa para o Brasil foram compostas por um discurso memorialista, que possuía como objetivo a produção de uma narrativa romanceada sobre esse processo; protagonizando o imigrante e o colocando como pioneiro no desenvolvimento do país. Além disso, nas comemorações foi salientado a amizade entre o Brasil e o Japão, destacando uma imagem cristalizada. Para análise, selecionamos os Imin 50, 70 e 80, por serem eventos marcantes e que se realçaram entre as ocasiões comemorativas. Como aporte teórico, empregaremos os autores que debatem a memória, tais como Michael Pollak e Pierre Nora. Como resultados, sugerimos que o discurso memorialístico esteve presente na maioria das comemorações, propagando quase os mesmos elementos, contudo alterou-se conforme os anos, o contexto e o objetivo dos organizadores.

Palavra-chave: Imigração japonesa. Imin. Memória.

JUNE 18: THE CONSTRUCTION OF MEMORY IN ANNIVERSARIES OF JAPANESE IMMIGRATION (1958-1988)

Abstract: The anniversary celebrations of Japanese immigration to Brazil (Imin) have been based on a memorial-focused discourse intending to create a romanticized narrative of the immigration process. Such narrative elevated the image of immigrants as pioneers moving Brazil's development forward. Furthermore, the celebrations emphasized the friendship between Brazil and Japan in a however non-nuanced way. For the analysis, I have selected the 1950, 1970 and 1980 Imin as particularly remarkable events being highlighted among other commemorative occasions. I will base my theoretical contribution on the work of authors focusing on memory, such as Michael Pollak and Pierre Nora. I argue that a memorial-focused discourse was present in the majority of Imin celebrations, and that despite some time and context-related differences, they have basically kept the same elements.

Keywords: Japanese immigration. Imin. Memory.

Introdução

Os japoneses radicados no Brasil comemoram o Dia dos Imigrantes na data de 18 de Junho. É que, nesse dia e mês de 1908 chegaram a Santos os primeiros imigrantes no navio Kasato-Maru (HANDA, 1980, p. 3).

De acordo com excerto acima, os aniversários da imigração japonesa são comemorados no dia 18 de junho, em homenagem aos primeiros imigrantes que aqui chegaram. São festividades que, de modo geral, buscam relembrar conjuntamente os eventos, evocando o discurso memorialístico que retrata de forma cristalizada a imigração, a inserção dos *nikkeis*² e o contato com a sociedade brasileira. Tal discurso foi articulado para reproduzir um conjunto de recordações sociais, ou seja, uma construção de memória dos imigrantes japoneses e de seus descendentes, empenhando-se também em fornecer elementos culturais para identificações de indivíduos ou grupos (ANDRÉ, 2009, p. 3). Sugerimos, então, que os discursos presentes nas comemorações têm o intuito de construir uma memória coletiva e a formação da representação de uma comunidade coesa, além de pretender a omissão das memórias subterrâneas, causadoras de conflitos e que desestruturariam essa comunidade imaginada (POLLAK, 1989, p. 4).

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a construção de memória dos *nikkeis* nos aniversários da imigração japonesa, bem como o discurso que destacou os elementos positivos e cristalizados sobre o grupo japonês. Para isso, selecionamos os Imin 50, 70 e 80, por serem eventos marcantes e que se destacaram entre as ocasiões comemorativas: o quinquagésimo aniversário da imigração foi a primeira grande festividade ligada à colônia nipônica, ocorrendo no pós-guerra, e almejou a construção de uma identificação entre os sujeitos para que fosse possível a união da colônia; no Imin 70, consolidou-se a nova imagem positiva do *nikkei*, instigada pela ascensão do Japão no cenário mundial a partir da metade da década de 1950, e a construção de lugares de memória por meio dos museus; já na comemoração dos 80 anos da imigração enfatizou-se a representação positiva dos imigrantes e seus descendentes, utilizando-se do discurso memorialístico para lidar com a

questão do esvaziamento da colônia, causado, em parte, pela emigração dos descendentes.

Neste artigo destacaremos, sobretudo, as implicações do Imin 80, visto que foi o período que se consolidou tanto a nova visibilidade dos *nikkeis* quanto a manifestação de uma literatura memorialística produzida pelos imigrantes japoneses e seus descendentes, que denominaremos de “literatura *nikkei*”. Esse período é significativo também pelo surgimento de uma literatura de autoria feminina, expressando a visão da mulher sobre a imigração japonesa e o seu cotidiano. Dessa forma, o discurso memorialístico ampliou-se e propagou-se por outros meios, tornando-se mais “publicizado”. Ainda, analisaremos como esse discurso surgiu com um objetivo – no Imin 50 almejava-se a união da colônia – e foi perdendo sua significância inicial, transformando-se conforme os desejos do grupo dominante, isto é, de acordo com os objetivos dos organizadores dos eventos.

1. As comemorações dos aniversários da imigração japonesa no Brasil

A primeira festividade da imigração japonesa ocorreu em 18 de junho de 1933, o Imin 25, contando com a participação de 60 imigrantes do navio *Kasato-Maru* (ITO, 1986). Foi uma cerimônia mais restrita à colônia japonesa e que homenageava os imigrantes vivos. Após esse evento, realizaram-se alguns outros até que em 1942, devido ao rompimento das relações entre Brasil e Japão, foram impostas aos imigrantes japoneses restrições³, como a proibição de reuniões. Desse modo, as comemorações foram suspensas e retornaram apenas no final da década de 1950 (PORTO, 2018).

Salientaremos três principais eventos que aconteceram no pós-guerra e com o planejamento de reunir os membros da colônia japonesa: o primeiro foi a vinda de atletas da seleção japonesa de natação, conhecidos como “peixes-voadores”, em 1950. De acordo com a imprensa da época, cerca de seis mil pessoas compareceram para recepcioná-los em São Paulo. Todavia, não conseguiram unir o grupo nipônico e, conseqüentemente, não gerou

sentimentos de pertencimento, isso porque as ações da Shindō Renmei⁴ ainda eram muito recentes e foram duramente criticadas pelos “peixes-voadores”. Os comentários foram vistos negativamente por alguns imigrantes, a ponto de alegaram que os atletas eram coreanos fingindo-se de japoneses (LESSER, 2001; PORTO, 2018). A segunda foi o *IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo*, em 1954, contando com a participação dos imigrantes japoneses, “[...] com seus duzentos carros alegóricos de várias regiões do estado, que desfilaram seus produtos e equipamentos, artes japonesas e danças folclóricas em trajes típicos [...]” (PORTO, 2018, p. 95). Em vista disso, o *IV Centenário* configurou a busca pela expressão pública e simbólica dessa reintegração da colônia (SAITO, 1973, p. 461).

Entretanto, a maior festa exclusiva dos *nikkeis* desde o final da Segunda Guerra Mundial foi o cinquentenário da imigração japonesa, que aconteceu em 18 de junho de 1958, promovido pela entidade Bunkyo⁵ e com o objetivo de reunir a colônia japonesa, que no fim da guerra se rompeu em duas partes: *kachigumi* (vitoristas) e *makegumi* (derrotistas)⁶. Dessa forma, a estratégia adotada para conseguir a unificação foi evocar um passado comum a todos os *nikkeis*, ou seja, a imigração para o Brasil, bem como a exaltação da cultura japonesa, considerada um

[...] monumento histórico de grande significado para a população de São Paulo, o que não só ligava os imigrantes e seus descendentes entre si, mas também à história do país onde agora se estabeleciam definitivamente (PORTO, 2018, p. 132).

Assim, interpretamos que a adoção desses elementos foi um esforço, por parte das lideranças, para que os *nikkeis* se identificassem como uma comunidade homogênea, empenhando-se para reestruturar o grupo japonês cindido.

O cinquentenário destacou-se por dois pontos principais: primeiro, que desde o final da década de 1940 houve uma necessidade, por parte dos imigrantes japoneses e seus descendentes, de melhorar e fortalecer sua imagem junto à sociedade brasileira e dentro da própria colônia. Essa necessidade manifestou-se com o propósito de limpar a imagem negativa

que ficou do pós-guerra. Ademais, a partir da década de 1950, a colônia japonesa ganhou mais visibilidade e enalteceram-se o trabalho e o esforço que possibilitavam a ascensão social (LESSER, 2008).

A celebração do Imin 50 contou com a participação do príncipe Takahito Mikasa e de sua esposa, a princesa Yukiko. Foi uma das primeiras visitas da família imperial desde o fim da Segunda Guerra Mundial e que deu início a uma série de outras. A presença dos príncipes evidenciava a importância dada ao Brasil pelo Japão, não só diplomática e comercialmente, mas também pela necessidade de reabertura do Brasil aos imigrantes. Os príncipes participaram de diversos eventos: visitaram cooperativas e empresas da colônia japonesa em São Paulo e no Paraná e presenciaram as construções de Brasília na companhia do presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976). Da mesma forma, participaram da grande cerimônia dos 50 anos na sede da Bienal no Parque Ibirapuera (PORTO, 2018).

É a partir da comemoração dos 50 anos da imigração japonesa que surgiram pesquisas ligadas ao ambiente acadêmico. No entanto, ainda eram relacionadas ao desenvolvimento do grupo japonês no Brasil. Um exemplo é a criação da *Comissão de Recenseamento da Colônia Japonesa* sob a direção de Teiiti Suzuki, em 1958, na qual realizou-se um censo sobre os diversos aspectos da agricultura, religião e cultura da população *nikkei*, resultando na publicação de dois volumes em 1969 (SUZUKI, 1973; ANDRÉ, 2009).

Outrossim, nos festejos do Imin 50, ocorreu um dos primeiros grandes eventos na área científico-cultural, palestrado pelo físico Hideki Yukawa⁷, o primeiro japonês a ganhar um prêmio Nobel em 1949. As palestras de Yukawa visavam apresentar uma imagem favorável do Japão para consolidar a relação entre os dois países. Yukawa aproveitou-se desse momento propício e que “[...] servia de inspiração às famílias nipo-brasileiras, que na época já haviam começado a mandar seus filhos para as universidades, buscando justamente elevar a condição intelectual de seus membros” (PORTO, 2018, p. 137). Percebemos que o Imin 50 foi significativo pela busca de reunificação da colônia por meio de uma identificação de memória que era comum entre os

nikkeis, do melhoramento da imagem dos imigrantes e seus descendentes e pela manifestação de debates acadêmicos.

Por sua vez, o Imin 70 ocorreu no dia 18 de junho de 1978, em uma grande cerimônia festiva, contando com a participação do príncipe herdeiro Akihito, representando o imperador Hirohito, e de sua esposa Michiko. Ambos participaram de diversos eventos, como a visita à cidade de Rolândia, no Paraná, juntamente com o presidente Ernesto Geisel (1907-1996) e o governador do Paraná, Jaime Canet Júnior (1925-2016) (BRASIL HOJE, 1978; PORTO, 2018). Segundo a reportagem produzida pelo jornal *Brasil Hoje* (1978), o comparecimento da família imperial em Rolândia era devido à significativa presença do grupo japonês na cidade.

Nessa visita ao centro agrícola da cidade paranaense, Akihito agradeceu as contribuições dos imigrantes na transformação do Paraná: “em seu discurso o príncipe Akihito mostra-se informado de que foi apreciável a contribuição dos imigrantes na transformação das matas do Paraná, em terras agrícolas” (BRASIL HOJE, 1978). Identificamos elementos do discurso do pioneiro, uma vez que o imigrante japonês foi retratado como colonizador da região. Tal discurso é baseado nos elementos construídos de desenvolvimento e modernidade, e a presença dos “pioneiros” é marcada por ações benéficas de coletividade, “[...] contribuindo para a instituição de um *ethos* específico no local voltado para valores como ‘trabalho’ (privado), ‘progresso’ (moderno), ‘família’ (patriarcal) e ‘religiosidade’ (cristã)” (BAO, 2017, p. 142). Compreendemos que, ao propagarem esse discurso, intencionava-se estreitar mais as relações entre os países e mostrar que os imigrantes japoneses foram de extrema importância para o progresso do Brasil.

A visita da família imperial em Rolândia deu-se também pela inauguração do *Museu Histórico da Imigração Japonesa do Paraná*, que desde 1976 estava em construção. O museu está localizado no antigo centro de treinamento agrícola da cidade e é muito ligado à história dos imigrantes japoneses na região, carregando uma narrativa saudosista e os colocando como pioneiros. É composto por objetos e fotografias, formando uma linha

cronológica, e a narrativa ocorre pela ênfase da vida difícil desses imigrantes ao serem os “primeiros colonos”, por “enfrentarem as matas virgens”, desenvolvendo a região. Ademais, aborda a ascensão social dos descendentes por meio de figuras consideradas importantes para a colônia, como empresários que ascenderam economicamente. É perceptível que a narrativa é composta pelo discurso do pioneiro e pela ascensão social dos *nikkeis*: o imigrante retratado como aquele que migrou para “regiões inóspitas”, “trabalhou e venceu através do sucesso econômico”, sem que abandonasse a sua identidade e a cultura japonesa (COELHO, 2018, p. 7-16).

De natureza igual, ocorreu a inauguração do *Museu da Imigração Japonesa*, em São Paulo, construído pelo Bunkyo e em seu edifício-sede no bairro da Liberdade. O príncipe Akihito esteve presente na inauguração, juntamente com o presidente Geisel. O museu carregava em si uma narrativa sobre a contribuição do imigrante japonês na construção de um novo mundo e intencionava “[...] registrar e preservar tudo o que pudesse contar a vida dos imigrantes japoneses no Brasil [...]” (PORTO, 2018, p. 187); tornando-se, portanto, um lugar de memória. O museu possui um acervo com cerca de mil fotografias e peças montadas, elaborando uma linha do tempo sobre o percurso dos imigrantes, desde os preparativos da saída do Japão até a chegada das empresas japonesas no Brasil (PORTO, 2018, p. 148).

Sendo assim, houve a necessidade de formar lugares de memória para os imigrantes, o que é devido ao sentimento de não existir uma memória espontânea (NORA, 1993). Observamos que no Imin 70 surgiu a ânsia de criar espaços de memórias por meio da fundação dos museus. De acordo com Michael Pollak (1992, p. 202), existem lugares de apoio da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, podendo ser uma lembrança pessoal ou aquela que não tem um apoio cronológico, por isso “[...] Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela [...]”.

No septuagésimo aniversário, destacamos as publicações de livros escritos por *nikkeis* e sugerimos que é nesse período que a literatura *nikkei* emergiu no Brasil, porém eram obras esporádicas, exemplificado pelo livro *Japão passado e presente*, de José Yamashiro (1978)⁸. Foram promovidos também alguns simpósios, como o realizado em março de 1978, sobre os 70 anos da imigração japonesa e a contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento do Brasil, o qual foi organizado pela *Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados*. Outro foi o *Simpósio Internacional Nipo-Brasileiro*, providenciado pelo jornal *Mainichi Shinbun* em junho do mesmo ano. Ademais, realizou-se simpósio do *Centro de Estudos Nipo-Brasileiros*, objetivando

compreender bem o processo de adaptação e assimilação dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, estudar a perspectiva futura de os descendentes japoneses poderem desempenhar seu papel de porte para promover as relações de amizade entre o Japão e o Brasil (YOSHIDA, 1980, p. 5).

O resultado desse simpósio foi a publicação da obra *A presença japonesa no Brasil* (1980).

Em um dos simpósios, o sociólogo Hiroshi Saito, em sua fala, salientou a relevância da reunião e pacificação do grupo japonês. Do mesmo modo, abordou-se a mudança das atitudes dos imigrantes, como a oportunidade dada aos descendentes de conseguirem acesso a uma educação de qualidade, a adoção do Brasil como pátria e a crise de identidade vivenciada: “[...] essa crise de identidade, que representou uma fase mais crucial no processo de adaptação, significou para muitos imigrantes um preço que tiveram de pagar para adotar o Brasil como sua verdadeira segunda pátria” (SAITO, 1978, p. 35 apud KUWAE, 2013, p. 161).

Portanto, entendemos que no Imin 70 emergiu a necessidade da construção de memória dos *nikkeis*, e isso se deu por meio da criação de lugares de memória, como a publicação de alguns livros e as construções de museus sobre a história da imigração japonesa.

Por sua vez, o Imin 80 foi marcado por diversas homenagens e publicações de vários trabalhos, alguns ligados à academia e outros a uma construção de memória. É significativo pela grandiosa festividade, em 18 de junho de 1988, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, contando com a presença do príncipe Akishino, segundo filho de Akihito, do presidente da república José Sarney, do presidente da Comissão dos Festejos Masuji Omi⁹ e da reunião de cerca de 80 mil *nikkeis*, em que

[...] uma multidão pertencente à *Soka Gakkai Brazil International* (SGBI), como num 'telão humano', escreveu expressões como *Kasato Maru* (o primeiro navio trazendo japoneses ao Brasil) e nomes de imigrantes que se tornaram célebres, como Ryoichi Kodama, que veio ao país com treze anos de idade [...] (ANDRÉ, 2009, p. 4).

No octogésimo aniversário, foi recebida a visita da equipe de beisebol da Universidade de Keio para a demonstração de um campeonato de *gateball*¹⁰. Ocorreu também a exibição de fogos de artifícios japoneses em homenagem à amizade entre o Brasil e Japão e promoveu-se a *Expo-Banzai*, realizada pela *Secretária de Turismo do Estado de São Paulo*, que reproduziu a chegada do navio *Kasato Maru* no Porto de Santos. Notamos que as festividades dos aniversários da imigração japonesa são compostas por rituais memorialísticos calcados nas ideias de tradição, legado e cultura milenar, ambicionando a construção de um discurso positivo sobre a imigração (ANDRÉ, 2009). As comemorações rememoram e reproduzem a chegada dos primeiros imigrantes como o início de uma jornada do herói, que chega em uma terra desconhecida, sofre, luta e no fim supera os problemas e dificuldades por intermédio do *ganbare*¹¹.

Ainda na comemoração dos 80 anos, repetiu-se o *Simpósio Internacional Nipo-Brasileiro*, realizado com sucesso no 70º aniversário, organizado novamente pelo jornal *Mainichi Shinbun*, cujo tema era *O Papel dos Nikkeis na Era do Pacífico* (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992, p. 439).

A comemoração dos 80 anos da imigração japonesa sobressaiu-se, principalmente, porque nesse período manifestaram-se dois principais

discursos parecidos, contudo de origens diferentes: um primeiro era relacionado às produções acadêmicas, que a partir da década de 1950 ganharam mais força e deram sinais de consolidação como uma fase no campo sobre a historiografia da imigração japonesa, porém abordavam-se os conceitos de assimilação, aculturação, acomodação e integração. Essa fase historiográfica é considerada mais “militante”, pois os pesquisadores buscavam comprovar a assimilação dos *nikkeis* à sociedade brasileira, preocupando-se em rebater os discursos antinipônicos da década de 1940. As pesquisas foram produzidas, sobretudo, por sociólogos e antropólogos vinculados às universidades do estado de São Paulo.

Um segundo discurso com características memorialísticas e que surgiu no Imin 50, esteve presente nas comemorações anteriores, entretanto, acrescentado de novas problemáticas: a ascensão social dos *nikkeis*, o esvaziamento da colônia japonesa e o movimento *dekasegi*¹²; perdendo, assim, seu sentido inicial. Tal discurso foi propagado pelos meios de comunicação e por festividades, como a reportagem realizada pelo *Globo Repórter*, em 1988, sobre a comemoração dos 80 anos da imigração japonesa. A reportagem dura em torno de 52 minutos e abordou, de modo geral, elementos do discurso memorialístico da comemoração do Imin 80. É composta por uma narrativa que evidencia o sofrimento dos imigrantes nos primeiros tempos, destacando a superação das adversidades e a ascensão social e econômica por meio do trabalho na lavoura. Notamos uma relação entre texto, imagem e trilha sonora, buscando incrementar componentes que remetessem ao Japão. A trilha sonora é constituída por uma espécie de toques orientais e contém fotografias de imigrantes japoneses, do *Kasato Maru* e do sol nascente, simbolizando o Japão conhecido como “terra do sol nascente”. Marcos Napolitano (2008) afirma que para análise de telejornal é importante levar em consideração a relação texto/imagem/trilha sonora, a duração da notícia, as estratégias de reiteração e o vocabulário escolhido.

A reportagem iniciou com o discurso sobre a boa relação entre o Brasil e o Japão, salientando o “casamento de mais de 80 anos” entre os dois países,

abordando a assimilação e a integração dos *nikkeis*. Para isso, convidou a apresentadora Lina Menezes, uma *sansei*¹³ e mestiça, retratando que os imigrantes japoneses e seus descendentes integraram-se à sociedade brasileira, exemplificado pelo casamento interétnico e que representaria um “casamento do Japão com o Brasil”. Como apresentado, a narrativa colocou os *nikkeis* como vitoriosos diante dos obstáculos, portanto, por intermédio de diversas tomadas, evidenciaram os imigrantes que ocupavam posições importantes na sociedade, ou seja, mostram grandes empresários e agricultores. Contabilizamos um total de 23 tomadas, com entrevistas rápidas e curtas com os *nikkeis*. Conforme Napolitano (2008, p. 278), as regras que delimitam a natureza televisual são:

[...] enquadramentos mais convencionais e simplificados, sem ângulos inusitados, como, por exemplo, excesso de detalhe (*extreme close-up*);
busca de uma textura de imagem realista e delineada;
cortes rápidos, evitando a câmera fixa num quadro por ‘muito’ tempo (leia-se mais de 10 segundos) ou evitando a utilização do plano-sequência (muito utilizado no cinema moderno);
narrativas visuais lineares e aceleradas, buscando conciliar (informações jornalísticas, dramas ficcionais, *reality-shows*, anúncio de produtos), fixadas no telespectador através de estratégias de reiteração, estereótipos, apelo emocional e decupagem rigorosa da mensagem em planos e sequências simples e encadeadas.

Desse modo, contemplando essa narrativa visual linear proposta pelo autor, a reportagem expôs primeiro as comemorações dos 80 anos da imigração japonesa. Entre os elementos, há a reprodução da chegada do navio Kasato Maru, onde estiveram presentes diversos *nikkeis* e brasileiros, sendo ao mesmo tempo “espectadores e atores”. Nesse evento, o repórter Pedro Bial questionou alguns participantes sobre a sua identidade, ou seja, se são brasileiros ou japoneses; alguns argumentaram que pertenciam às duas nações, outros disseram que são mais brasileiros e que aprenderam a viver no país. Em seguida, aproveitando-se do cenário de reprodução da chegada do Kasato Maru, versaram sobre os sofrimentos dos imigrantes japoneses nas fazendas de café, discorrendo sobre a desilusão ao chegarem ao país e como

foram enganados tanto pelo governo japonês quanto pelas empresas de colonização. Para representar essas adversidades, utilizaram-se de imagens do filme “Gaijin”¹⁴. Todavia, as dificuldades são colocadas apenas como um degrau para a conquista e a vitória desses imigrantes, assim, no discurso, destacaram os *nikkeis* como essenciais para o desenvolvimento do país. Em vista disso, o programa entrevistou importantes agricultores, produtores e empresários para elucidar esse “sucesso dos imigrantes”, como a família Tanigushi, produtores do bicho-da-seda; a Colônia de Tomé-Açu, conhecida pela produção de pimenta-do-reino; a família Okamoto e a produção de chá em Registro; a família Yamamoto e a produção de saquê, considerada a única no Brasil.

É retratada também a problemática do esvaziamento da colônia japonesa, em que os descendentes se mudavam para estudar e/ou trabalhar na capital ou em cidades de maior porte, mas não retornavam. Isso ocorreu na colônia de Hirano, uma das primeiras fundadas no Brasil, em agosto de 1915, localizada em Cafelândia (SP) e que era composta por 250 famílias. Entretanto, no ano de 1988, restavam apenas quinze famílias, e em sua maioria compostas por idosos. Esse esvaziamento seria amplificado pelo movimento *dekasegi*, inclusive um dos últimos assuntos trabalhados na reportagem.

As últimas tomadas passaram-se em Tóquio e foram constituídas por entrevistas com *dekasegi*, destacando-se três *nikkeis* que ocupavam posições diferentes no Japão: Marcos Mukanata (técnico de esporte em escola), Tomy Ozeki (modelo) e Carlos Toshiki (cantor). Todos relataram o estranhamento ao chegar no Japão, por encontrarem um país diferente daquele contado por seus avós e pais; além da questão de identidade – serem considerados japoneses no Brasil, *gaijin*¹⁵ no Japão – e a dúvida entre retornar ou ficar, questões comuns para a maioria dos *dekasegi*.

O movimento *dekasegi* surgiu mais significativamente a partir da metade da década de 1980, devido à crise econômica brasileira que provinha desde a década anterior. Esse período é conhecido como a “década perdida”¹⁶, por ser marcado pelo baixo dinamismo da economia brasileira: o Produto

Interno Bruto (PIB) diminuiu 13% entre 1980 e 1983, houve a aceleração da inflação, a desvalorização do dólar, a complexa desigualdade de renda e social e o aumento do desemprego nos setores públicos e privados, ampliando os tipos de trabalhos informais e retraíndo o mercado de trabalhos formais (VARGAS; FELIPE, 2015; CAVALCANTE, 2016). Diante de toda essa crise e descontentamento, os brasileiros emigraram de diversas partes do país em direção aos EUA, países da Europa, Japão e Canadá. Entre eles estavam os nipo-brasileiros, que optaram por migrar para o Japão buscando a ascensão social ou se manterem economicamente, isto é, foram com uma perspectiva de enriquecimento.

Notamos que o discurso memorialístico do Imin 80 foi delineado, de modo geral, na reportagem do *Globo Repórter*, uma vez que o programa frisou a ascensão dos imigrantes japoneses e os caracterizou como importantes para o desenvolvimento do Brasil, além de sugerir que estariam assimilados à sociedade. Embora seja produzido por uma rede brasileira e não pelas entidades da colônia japonesa, percebemos os principais componentes do discurso comemorativo, ao mesmo tempo, diferenciando-o em alguns pontos das outras comemorações, ressaltando aspectos como o esvaziamento da colônia japonesa e o movimento *dekasegi*.

No entanto, o Imin 80 sobressaiu-se, sobretudo, pela propagação do discurso memorialístico através de outros meios, como a literatura *nikkei*. São livros publicados a partir da metade da década de 1980 em língua portuguesa e que buscavam a construção de memória sobre a imigração japonesa. Embora tenham coincidido com os 80 anos da imigração japonesa, não foram obras encomendadas; os autores consideraram essa data como propícia para recordar. Dessa forma, utilizaram-se dessa conjuntura para reproduzir seus discursos.

As obras são em sua maioria romances e autobiografias com visões idealizadas sobre o Japão, o cotidiano do imigrante japonês, a harmonia entre o contato de culturas diferentes, reelaborando a ideia de democracia racial e a amizade entre o Brasil e Japão. Os autores almejavam homenagear os

imigrantes japoneses com obras como *Samurai da paz: saga de um imigrante japonês* (1982); *Toda uma vida no Brasil* (1984); *Sob dois horizontes* (1988); *Ipê e Sakura (Em busca da identidade)* (1988); *E já que assim deve ser – Sayonará* (1988); *Canção da Amazônia* (1988); *O jardim japonês* (1986); *Jônetsu, a terceira cor da paixão* (1988) e *Sonhos Bloqueados* (1991). Analisaremos brevemente as principais características dessas obras e que retratam o discurso do Imin 80.

Apesar de denominarmos de “literatura *nikkei*”, as obras não foram escritas exclusivamente por *nikkeis*, encontramos livros escritos por não descendentes. Outro ponto é que foram escritos em português ou traduzidos, revelando a importância do acesso dos sujeitos que não sabiam ler em japonês. Portanto, os trabalhos não ficaram restritos apenas dentro da colônia, mas foram divulgados para que todos conhecessem a história dos imigrantes e seus descendentes. Consideramos a ampliação do público nessa literatura como uma espécie de tática muito semelhante àquela realizada nos jornais nipo-brasileiros, que começaram a publicar em português para alcançar a população de não *nikkei* e os descendentes que não sabiam a língua japonesa (LESSER, 2008). Embora existam diversas publicações de romances e autobiografias *nikkeis* da década de 80, com raras exceções, essas obras não ganharam uma posição de destaque na literatura brasileira, limitando-se a uma circulação margeada no sistema literário (VEJMEKKA, 2014).

Os autores das autobiografias tinham como intuito registrar a história dos imigrantes, visto que havia a preocupação em deixar para os descendentes seus testemunhos, como uma espécie de lição moral; isto é, queriam transmitir para as gerações futuras as histórias de “trabalho e sacrifícios” vividos pela primeira geração. Sendo assim, as biografias podem ser definidas como parte de um discurso oficial, à medida que selecionam os eventos vividos, transmitindo a ideia de uma história sem conflitos e com o imigrante superando todas as adversidades (SAKURAI, 1993). Segundo Pierre Bourdieu (2002), os relatos tendem a se aproximar muito mais de uma construção de imagem que

os indivíduos fazem de si mesmo, implicando em coações e censuras específicas.

Outrossim, esses livros abordam de forma romanceada os sofrimentos dos imigrantes nas fazendas de café; a superação das dificuldades através do *ganbare*; a união da comunidade nipônica e o sucesso desses sujeitos no Brasil. Contudo, o tema de destaque das autobiografias é o trabalho, em que somente por ele que as conquistas e responsabilidades são realizadas. Ademais, as obras seguem uma linha cronológica: colocam o sacrifício e sofrimento apenas como um degrau para a conquista da vitória. Por fim, caracterizamos as autobiografias como uma espécie de “auto ficção biográfica”, pois o “eu” retratado é um eu reinventado, imaginado, ficcionalizado e romantizado (STADNIKY, 2013).

Por outro lado, os romances foram escritos, em sua maioria, pelos descendentes e contêm um lastro de realismo. É comum entre eles os seguintes temas: as dificuldades de adaptação, os sonhos, as adversidades e as histórias das famílias; retratando uma trajetória comum da maioria das famílias migrantes. Outro ponto é que, diferentemente das autobiografias, os romances buscavam descrever situações vividas por sujeitos comuns da comunidade japonesa. De acordo com Célia Sakurai (1993), os autores almejavam a construção do passado do imigrante japonês a partir de personagens ficcionais que, ao mesmo tempo, eram baseados na vida real.

Esses trabalhos foram baseados em contrastes: diferença entre o Brasil e o Japão; conflito entre as culturas; o conflito de identidade e disputa até mesmo dentro da própria família *nikkei*, como os embates entre gerações. Ademais, os protagonistas são, quase sempre, colocados como pioneiros, explorando os sofrimentos em uma terra desconhecida, as dificuldades de adaptação, os sonhos que não se realizaram. Os enredos desenvolvem-se a partir das famílias (SAKURAI, 1993).

Entretanto, defendemos que o ponto crucial da década de 1980 é o rompimento do silenciamento sobre o papel das mulheres no processo da imigração japonesa e a vida delas no Brasil, pois nesse período surgem obras

escritas por imigrantes japonesas e descendentes que expressam a visão feminina sobre o processo da imigração, o cotidiano, os conflitos, as questões de gênero e colocam as *nikkeis* como protagonistas nas histórias, formulando uma narrativa feminina e possibilitando o conhecimento sobre seus pensamentos e sentimentos. Como apontado por Michelle Perrot (2005), conhecer as produções de autoria feminina possibilita entender a vida dessas mulheres e desconstruir o imaginário social que é, frequentemente, marcado por estereótipos não correspondentes à realidade delas. Da mesma forma, analisar essas produções tiram-nas da sombra e ao “fazer a sua história” permite-nos compreender como elas mesmas se percebiam, viam e viviam.

Destacamos as obras de Mitsuko Kawai (1988), Hiroko Nakamura (1988), Fusako Tsunoda (1988) e Laura Honda-Hasegawa (1991), livros que já foram citados. Nessas produções percebemos com mais frequência a temática do subjetivismo, essencialmente as memórias e confissões. Sendo habitual a abordagem sobre a visão da mulher sobre a sua vida e a da família, concentrado no universo doméstico, bem como a ênfase nas “[...] dificuldades no trabalho, os sucessos e os fracassos nas tentativas para ‘vencer na vida’ [...]” (SAKURAI, 1993, p. 27). Embora a narrativa esteja ligada ao âmbito familiar, é perceptível a desidentificação das personagens com as normas estabelecidas para as mulheres *nikkeis*: “silenciosas e obedientes”. No romance, as *nikkeis* aproximam-se de uma individualidade e das formas singulares que as tornam únicas. Segundo Sakurai (1993), essas obras contêm muitas descrições sobre as atitudes das mulheres, colocando-as em destaque nos enredos.

Caracterizamos esse tipo de literatura como “literatura de autoria feminina *nikkei*”, uma vez que foi escrita apenas por mulheres *nikkeis*. Além disso, é manifestada uma escrita composta por sensibilidades, concepções, questionamentos e preocupações próprias das mulheres imigrantes, que anteriormente estavam à margem. Defendemos que esse período é significativo por tornar mais público os trabalhos das mulheres, não sendo mais reservadas apenas aos diários, isto é, ao âmbito individual.

Percebemos que no Imin 80 surgiram algumas questões, como: a construção de memória sobre a imigração japonesa propagada por novos meios, ou seja, a literatura; a ênfase de um discurso que cristalizava a imigração e pretendia fortalecer a amizade entre o Brasil e o Japão, ainda mais que nesse período começou-se o movimento *dekasegi*; e a reformulação da imagem dos *nikkeis*, em que não eram mais caracterizados como inassimiláveis e um perigo amarelo¹⁷, passando a ser vistos como um exemplo a ser seguido, enaltecendo o trabalho duro e de sucesso. A reformulação da imagem do *nikkei* e o movimento *dekasegi* são relacionados à mudança do Japão no pós-guerra, transformando-se em uma das grandes potências mundiais¹⁸.

Considerações finais

Por intermédio das análises, compreendemos que os aniversários da imigração japonesa são circunscritos por um discurso empenhado na construção de memória e que se transforma a cada comemoração conforme as situações e os objetivos do grupo dominante, ou seja, dos organizadores. O Imin 50 foi organizado pelo Bunkyo, objetivando a união da colônia japonesa que estava cindida entre os *kachigumi* e *makegumi*, conflito causado no final da Segunda Guerra Mundial e pelas ações de sociedades, entre elas a Shindō Renmei. Sendo assim, destacaram-se elementos que permitiriam uma identificação entre os indivíduos, ou seja, um passado comum entre os *nikkeis*: a trajetória dos imigrantes japoneses no Brasil.

Por outro lado, na comemoração dos 70 anos, é realçada a consolidação da imagem positiva dos *nikkeis* – causada pela nova representação do Japão –, por uma formulação da comunidade japonesa imaginada e pela construção de um lugar de memória por meio do *Museu Histórico da Imigração Japonesa* em Rolândia, do *Museu da Imigração Japonesa* em São Paulo e pelo surgimento de obras memorialísticas. Entendemos que o Imin 70 se apropriou do discurso sobre a união da colônia

propagado no cinquentenário e que se concretizou na construção dos museus, como um espaço narrativo sobre a vida dos imigrantes, destacando de forma linear as lutas, as conquistas e a união como um passo para a vitória no final. Bem como, manifestou-se um discurso que realçava a assimilação dos imigrantes e a escolha deles pela adoção do Brasil como a sua pátria, demonstrando o empenho de serem percebidos como parte da nação brasileira.

A comemoração dos 80 anos da imigração japonesa sobressaiu-se, em relação às anteriores, justamente pela consolidação de literatura *nikkei*, não mais ligada apenas à colônia. Essa literatura foi utilizada como um dispositivo de alastramento da nova visualidade dos nipo-brasileiros e da construção de memória. Os autores destacaram as lutas diárias dos imigrantes japoneses, colocando-os como pioneiros e enfatizaram as suas conquistas, buscando demonstrar a posição superior que ocupavam na sociedade. Também foi um momento de extrema importância pela manifestação da voz feminina por meio da escrita, em que foi possível conhecer mais sobre a vida das mulheres e as suas contribuições no movimento imigratório, não ficando apenas os homens como os “pioneiros no desbravamento do país”. Portanto, notamos que o discurso foi se alterando conforme os desejos dos organizadores e se alastraram por diversos meios: desde as festividades, as construções de museus e a publicação de livros.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Richard Gonçalves. A imigração japonesa no Brasil: história e memória, fronteiras e interpretações. **História e-história**, v. 1, p. 1-21, 2009. O periódico encontra-se fora do ar.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Religião e silêncio**: Representações e Práticas mortuárias entre nikkeis em Assaí por meio de túmulos. 2011. 250 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

BAO, Carlos Eduardo. O discurso do "pioneiro colonizador" como elitismo cultural na cidade de Toledo/PR. **Em Tese**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 140-156, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2017v14n1p155>>. Acesso em: 25 set. 2020.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 183-191.

BRASIL HOJE. **Os festejos do 70º aniversário da imigração japonesa para o Brasil**. 1978. (1min26s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VIETycgKm2c>>. Acessado em 02 de ago. de 2020.

CAVALCANTE, Jannaira Barros. Além da “década perdida”: avanços e conquistas nos anos 80. **Revista diálogos**, Garanhuns, s/v, n. 15, p. 39-48, 2016.

CARVALHO, Diego Avelino de Moraes. **O martírio no sol poente: das agruras (e) (i) migratórias à formação de milícias ultranacionalistas no contexto do pós guerra no Brasil – O caso da Shindo-Renmei (1868-1956)**. 2017. 557 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017.

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS. A memória de Yukawa. **Revista Brasileira de Física**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 1982. p. 225-228.

COELHO, João Victor Morozini. **Construção da identidade e memória dos japoneses e seus descendentes a partir do acervo em exposição no Museu da Imigração Japonesa do Paraná (1978-2001)**. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Patrimônio e História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

DEZEM, Rogério. **Shindô-Renmei: Terrorismo e repressão**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.

DEZEM, Rogério. **Matizes do “Amarelo”**: A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

FACHINI-ZANIRATO, Clara. História e representação: a conquista da identidade nipo-brasileira em Gaijin – Caminhos da liberdade (1980), produzido por Tizuka Yamasaki, e Brazil-Marú (1992), de Karen Tei Yamashita. **TRANSMODERNITY: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**, v. 8, n. 1, Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/67s03044>>. Acessado em 29 de set. de 2020.

GLOBO REPÓRTER. **80 anos da imigração japonesa para o Brasil**. 1988. (52min51s). Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=MWo7KvMHIBg>>. Acesso em 02 de ago. de 2020.

HANDA, Tomoo. **Memórias de um imigrante japonês no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1980.

IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**: narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970). Tradução de Marco Souza e Marcelo Canizo. São Paulo: Annablume, 2011.

ITO, Nobuhiko. **Caminho dos imigrantes japoneses**. São Paulo: Nikkey Shimbun, 1986. Disponível em: <<http://www.imigrantesjaponeses.com.br/NIKKEY-SHIMBUN.pdf>>. Acessado: 26 de mar. de 2020.

KUWAE, Luiza Hiroko Yamada. **Cem anos de imigração japonesa**: a construção midiática da identidade do imigrante japonês. 2013. 361 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e luta pela etnicidade no Brasil. Tradução de Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LESSER, Jeffrey. **Uma diáspora descontente**: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980. Tradução de Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LUIZ, Leonardo Henrique. **O espírito de Yamato**: o xintoísmo de Estado e o Kyōiku Chokugo na formação do nacionalismo japonês e a imigração para o Brasil (1890-1980). 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

MIYAGUI, Paulo N. A imprensa nikkei e seu futuro. In: III COPANI. **O nikkei e a sua americanidade**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-289.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares, **Projeto de História**, São Paulo, n. 10, 1993, p. 7-28.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTO, Maria Cecília Costacurta de Sá. “**À sombra das cerejeiras tropicais**”: O projeto do *Bunkyo* e a construção da narrativa nipo-brasileira. 2018. 376 p. Tese (Doutorado em comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

SAKURAI, Célia. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Editora Sumaré, 1993.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SASAKI PINHEIRO, Elisa Massae. **Ser ou não ser japonês**: A construção da identidade dos brasileiros descendentes japoneses no contexto das migrações internacionais do Japão Contemporâneo. 2009. 671 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. **Uma Epopeia moderna**: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo, editora HUCITEC, 1992.

STADNIKY, Hilda Pivaro. Transversalidade de gênero na ficção nipo-brasileira: formas textualizadas do tempo vivido. In: VI Congresso Internacional de História. 2013, Maringá. **Anais do VI Congresso Internacional de História**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2013. Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/477_trabalho.pdf. Acessado em 13 de jun. de 2020. p. 1-13.

SUZUKI, Teiiti. Mobilidade geográfica de imigrantes japoneses. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 224-239.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. **O Perigo Amarelo em Tempo de Guerra (1939-1945)**. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa oficial do Estado, 2002.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. **Japoneses**: A saga do povo do sol nascente. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.

UCHINO, Tadashi. Ruptura, falhas: dois momentos “nacionalistas” e a cultura da dança no Japão. In: GREINER, Christine; FERNANDES, Ricardo Muniz. **Tokyogaqui**: um Japão imaginado. São Paulo: Edições SESC SP, 2008. p. 130-143.

VARGAS, Juliano; FELIPE, Ednilson Silva. Década de 1980: as crises e da economia e do Estado brasileiro, suas ambiguidades institucionais e os movimentos de desconfiguração do mundo do trabalho no país. **Revista Economia**, Curitiba, v. 41, n. 3, p. 127-148, 2015.

VEJMEKA, Marcel. O Japão na literatura brasileira atual. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 43, p. 213-234, 2014.

YOSHIDA, Kenzo. Introdução. In: SAITO, Hiroshi. **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 5-7.

NOTAS

1. Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduanda em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Laboratório de Pesquisa sobre Culturas Orientais (LAPECO). E-mail: 8.luana@gmail.com.
2. Apesar de na bibliografia tradicional o termo *nikkei* ser utilizado apenas para designar os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, neste artigo estamos utilizando para referir-nos ao grupo japonês no Brasil, incluindo os imigrantes da primeira geração.
3. Restrições que foram impostas antes mesmo do rompimento das relações entre os dois países. Devido à política de nacionalização do governo de Getúlio Vargas, os imigrantes japoneses e seus descendentes passaram por proibições, como o fechamento de muitas escolas “eticamente” orientadas, em 1938 e 1939. Para saber mais, consultar: Lesser (2001), Takeuchi (2002; 2007), Dezem (2005).
4. A Shindō Renmei foi uma sociedade que surgiu, durante a década de 1940, na cidade de Marília em São Paulo e foi considerada, por Diego Avelino de Moraes Carvalho (2017, p. 15), uma organização ultranacionalista e que pregava a vitória do Japão na Segunda Guerra Mundial.
5. De acordo com Porto (2018, p. 126), Bunkyo é a Sociedade de Cultura Japonesa e Assistência Social, fundada em 1955, no bairro da Liberdade, em São Paulo.
6. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota do Japão, a colônia japonesa passou por uma crise interna, dividindo-se em duas: *kachigumi*, aqueles que acreditavam na vitória do Japão, e *makegumi*, os que tentavam propagar a perda do país. Surgiram inclusive sociedades ultranacionalistas, como a Shindō Renmei, chegando a realizar assassinatos dentro da colônia. Os que propagavam a perda do Japão eram denominados assim pelos vitoristas de forma pejorativa (DEZEM, 2000, p. 74). Para saber mais, consultar Saito e Maeyama (1973), Lesser (2001), Takeuchi (2007) e Luiz (2019).
7. Hideki Yukawa nasceu em Tóquio, em 23 de janeiro de 1907. Em 1949, tornou-se o primeiro japonês a ganhar o prêmio Nobel por formular a hipótese dos mésons, baseada em trabalhos teóricos sobre forças nucleares (CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS, 1982).
8. José Yamashiro é uma figura complexa por sua ampla participação na colônia japonesa; pertence à primeira geração de jornalistas *nisei* e contribuiu ativamente para os jornais nipo-brasileiros, como o *Gakusei* e a revista *Transição*, que objetivavam mostrar a assimilação dos *nikkeis* e a identidade nipo-brasileira. Fundou a Liga Estudantina Nipo-Brasileira, juntamente com outros *nisei*, seguindo a mesma lógica dos jornais nipo-brasileiros. Ainda foi um dos *nikkeis* que se alistou nas forças revolucionárias na Revolução Constitucionalista, em 1932. Outra participação de Yamashiro é nos casos da Shindō Renmei como intérprete da polícia. Além disso, publicou algumas obras: “Japão: passado” (1978); “História dos samurais” (1982); “História da cultura japonesa” (1986); “Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII” (1989); “Okinawa: uma ponte para

- o mundo" (1993); "Trajetória de duas vidas: uma história de imigração e integração" (1996) (MIYAGUI, 1986, p. 319; LESSER, 2001, p. 192).
9. Nessa época, Omi era presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa.
 10. *Gateball* é um esporte coletivo de taco (stick), muito parecido com *croquet*.
 11. *Ganbare* (がんばれ) simboliza os esforços dos japoneses em superar as diferenças e dificuldades. É grafado também como *gambarê* e no Brasil esse pensamento se materializou no empenho de trabalhar ao máximo para economizar o possível, renunciando aos luxos e sonhando com uma vida melhor (SAKURAI, 1993, p. 63).
 12. *Dekasegi* (出稼ぎ) significa trabalhar fora de casa, e no Japão referia-se "aos trabalhadores que saíam temporariamente de suas regiões de origem e iam em direção a outras mais desenvolvidas, sobretudo aqueles provenientes do norte e nordeste do Japão, durante o rigoroso inverno que interrompiam suas produções agrícolas no campo" (SASAKI PINHEIRO, 2000, p. 6).
 13. *Sansei* (三世): terceira geração.
 14. *Gaijin: os caminhos da liberdade* (1980) é um filme brasileiro, dirigido pela cineasta nipo-brasileira Tizuka Yamasaki e que marcou sua estreia como diretora e roteirista (FACHINI-ZANIRATO, 2018).
 15. *Gaijin* (外人) é a contração de *gaikokujin* (外国人), que significa estrangeiro (ANDRÉ, 2011).
 16. Apesar de ser conhecido assim, preferimos o termo "década quase perdida", pois "década perdida" só leva em consideração as crises econômicas, anulando os ganhos da redemocratização (CAVALCANTE, 2016, p. 41).
 17. O termo "perigo amarelo" foi cunhado, principalmente, devido às estratégias expansionista e militarista do Japão. Conforme Dezem (2005) o perigo estava na possibilidade de que as conquistas militares permitissem o domínio dos amarelos sobre os brancos.
 18. A partir de 1955, a economia japonesa começou a se expandir, e em 1960 passou por um "boom econômico", retornando ao cenário mundial e reformulando-se de um país imperialista para um gigante econômico. Nesse período, verificamos a valorização da imagem internacional dos japoneses, pois não eram mais considerados o povo rígido e militarizado, passando a ser vistos como aqueles que apreciavam a alta tecnologia (UCHINO, 2008, p. 133; IGARASHI, 2011, p. 392-393; SAKURAI, 2016, p. 230). Tanto que "[...] as 'três regalias imperiais' do consumo (geladeira, máquina de lavar e televisão preto e branco) saturaram, rapidamente, o mercado; os três Cs (carro, ar-condicionado e TV colorida), então, as substituíram como os novos objetos de desejo" (IGARASHI, 2011, p. 392-393). Ainda nessa primeira década de 1960, houve a ênfase na industrialização como exemplo de crescimento econômico, investimentos na infraestrutura urbana e o aumento da migração rural-urbano, possibilitando mudanças na natureza de várias cidades japonesas.